

DE COMO NÃO PRODUZIR LITERATURA NA PARAÍBA

Estará a Paraíba sofrendo uma espécie de apagão literário? Onde foram parar as nossas rodas de discussão literária e nossos eventos de literatura? O que os “imortais” das nossas academias de letras, os doutores de nossas universidades e os gestores municipais e estaduais estão fazendo para incentivar a produção literária nos municípios e no Estado? Estas são perguntas óbvias, mas que parecem esquecidas embaixo de um exemplar original, mofado e empoeirado de os Lusíadas, lá nos fundos da biblioteca de alguma das nossas academias de “imortais”.

Quando falamos de um suposto apagão literário na Paraíba, referimo-nos a três esferas distintas: leitura, divulgação e produção. Começemos falando sobre a leitura.

Sem pretender esgotar o assunto, vamos a alguns dos problemas que expressam ou geram a desvalorização da leitura na Paraíba, pontuando dificuldades presentes nos âmbitos nacional e regional, que se somam a problemas tipicamente locais, a saber: falta de incentivo a leitura para as crianças; ausência de boas livrarias; pequeno número de bibliotecas públicas; pouca divulgação das bibliotecas existentes; alto preço do livro no Brasil; indiferença dos governantes, que se sentem mais acomodados numa região saturada de analfabetos (e analfabetos funcionais); desvalorização da literatura e dos escritores nas grandes redes de comunicação brasileiras, sobretudo os que estão fora da região sudeste, os que não fazem parte da seleta relação dos cânones da literatura – que são apresentados pela mídia como semideuses, que não precisam ser lidos, mas sim contemplados - e aos escritores de outras regiões do país que não se limitem a criar representações estereotipadas de sua gente e seus locais de origem.

Nem mesmo as produções mais vinculadas à identidade paraibana, como os cordéis, por exemplo, escapam desse quadro. As novas gerações estão tendo amplo contato com estes e outros gêneros literários? Ou estas produções estão circulando apenas por uma pequena rede de pessoas? Quantos alunos concluintes do ensino médio, nas nossas redes públicas e privadas de ensino, já leram um cordel? Além disso, podemos destacar também a desvalorização das ditas produções ficcionais no nosso estado, gerada por um amplo desconhecimento de como as nossas percepções do mundo “real” não estão sustentadas em bases tão sólidas quanto os discursos instituídos tentam mostrar. É somado a isso um sentimento de impotência fortificado pelo poder (simbólico) das grandes redes de

comunicação, centralizadas no eixo Rio-São Paulo, onde geralmente é reproduzida, em escala nacional, uma imagem estanque, atemporal e estereotipada do paraibano, assim como do nordestino, recriando eternamente as imagens dos eternos porteiros, domésticas, comediantes, retirantes, habitantes das terras secas dos chãos rachados... Para rotular o paraibano são criadas generalizações que acabam também sendo internalizadas por nossos patrícios, o que faz com que eles se sintam, muitas vezes, inferiorizados perante os moradores de outras regiões.

O segundo ponto a ser tratado é a divulgação. Pense, se você é um escritor paraibano em início de carreira, prestes a publicar seus primeiros textos, em que portas vai bater? Que jornais ou revistas literárias vai procurar? Em que editoras vai tentar a sorte? E se você já tem contos, poemas, ensaios e textos literários de modo geral prontos para serem lidos, a quem vai procurar? Um aviso: as revistas e os jornais de literatura e artes na Paraíba estão em extinção, por isso, se você é o escritor do exemplo anterior e está pensando em buscar as formas tradicionais de publicação, vai ter que suar muito ou procurar as tão escassas *alternativas diferentes*, das quais falaremos mais adiante.

Sem reproduzir determinados complexos de inferioridade, não podemos deixar de considerar as dificuldades para um escritor paraibano conseguir publicar sua obra, pelas atuais regras do mercado editorial, nas grandes editoras do país, haja vista que elas estão focadas no mercado do sudeste, onde os escritores oriundos daquela região são privilegiados pela proximidade (física e simbólica) das editoras e do principal público alvo das suas publicações. Soma-se a isso a desproporção regional dos investimentos do Ministério da cultura, seja de forma direta, seja de forma indireta, como no caso dos incentivos ao mecenato através da Lei Rouanet, onde estados como São Paulo e Rio de Janeiro concentram quase todos os investimentos.

Finalmente, acerca da produção literária, já é um lugar comum afirmar que *nenhum artista nasce pronto*. O escritor não é diferente, precisa de tempo para desenvolver sua técnica e sua identidade artística. Mas como ele pode se desenvolver se não lhe é dado espaço para ser lido e criticado? É óbvio: sem publicar, o escritor não poderá se tornar conhecido, nem mesmo a nível local, o que faz com que, não só na Paraíba, muitos escritores em potencial se reúnam ao amplo número de pessoas que desistiram de correr atrás de seus sonhos.

Ademais, se na hora de lançar o primeiro livro o escritor não dispuser de (boa) verba para publicar sua obra de forma independente, terá ele que, na maioria dos casos, decidir

entre: 1) Publicar em pequenas editoras, contatadas quase sempre pela internet, que vão explorá-lo até a raiz; 2) Guardar seus originais até o dia em que possa bancar a publicação ou que as portas finalmente sejam abertas; 3) Desistir de publicar e continuar escrevendo no anonimato, sonhando que daqui a cem anos suas obras serão valorizadas, e que do silêncio da tumba ouvirá os sabichões do futuro falando: *olhem só o que ele produziu, era mesmo um homem a frente de seu tempo...*

Desta forma, basta considerar todo o contexto até agora discutido para perceber que revistas como a Cult-PB, a Correio das Artes, a Blecaute e outras de pequena circulação, como a já extinta Cordeletras, constituem a vanguarda da literatura no estado (junto a outras produções avulsas).

Não acreditamos que a literatura seja feita para poucos, para uma pequena e petulante elite intelectual; também não acreditamos que a falta de um hábito bem arraigado de leitura entre os paraibanos seja sinônimo de falta de cultura. Pelo contrário! Mas imaginem só: se com todos os problemas que enfrentamos, nós ainda conseguimos resistir e ter uma cultura forte, imagine se acrescentarmos mais um elemento (literário) nessa mistura toda? A falta de incentivo a leitura, a divulgação e a produção literária na Paraíba estão fundamentadas em questões culturais e políticas que, como muito esforço e incentivo, podem sim ser modificadas, criando-se uma nova realidade.

Mostramos aqui algumas das principais dificuldades de se produzir literatura na Paraíba; dificuldades causadoras do suposto apagão literário em que estamos imersos. A revista Blecaute, por circular por espaço que é em si democrático, a internet, constitui-se como uma das já citadas *alternativas diferentes* para a publicação de talentos literários em desenvolvimento. Todavia, Blecaute não nasceu para ser a luz redentora capaz de dar fim ao referido apagão literário, afinal, como dizia o poeta, *um galo sozinho não tece uma manhã...* Mas sim para criar espaços outros de discussão e divulgação literária, ou seja, primeiro precisamos ajudar a manter acesos muitos dos candeeiros que estão quase parando de brilhar. Talvez, com isso, poderemos atrair mais focos de luzes, que nos permitam transitar com mais calma pela escuridão da noite e mostrar aos que estão lá em cima (ou lá em baixo) que apesar da indiferença generalizada, continuaremos mostrando que é sim possível um novo alvorecer literário na Paraíba, terra de José Lins do Rego, Augusto dos Anjos, José Américo de Almeida, Ariano Suassuna, Lúcio Lins, Edilberto Coutinho, Manoel Monteiro, Arnaldo Xavier, José Camilo dos Santos... E tantos outros que foram reconhecidos, ou não, em vida ou após ela, pelos seus talentos literários.

Parece-nos que antes de fazer os habitantes das outras regiões enxergarem de outro modo os (artistas) paraibanos, deixando de lado os estereótipos típicos do “Paraíba”, temos que fazer com que nossos próprios conterrâneos passem a ver as verdades “imperceptíveis” colocadas, diariamente, diante de suas faces. O que nos leva a uma última indagação: não será a literatura um meio de desconstruir esses estereótipos, construindo outras imagens, outras representações acerca do nosso estado? Por fim, sem evocar a figura do *cabra macho*, podemos dizer que na Paraíba, literatura não se faz só com talento, inspiração e esforço, mas também com resistência, teimosia e coragem.

E que as luzes comecem a brilhar. Boa Leitura!

Os editores